

Oficina de Cantoria: Tensões e Intervenções

Aluno: Cícero Trevisan Lisboa (Bolsista PIBIC/Cnpq)

Orientador: Simone Zanon Moschen

Apresentação

Este trabalho se insere no projeto de pesquisa “A construção do caso e os dispositivos clínicos institucionais no trabalho com a psicose”, coordenado por Simone Zanon Moschen (UFRGS). A presente pesquisa parte do trabalho realizado na Oficina de Cantoria, que ocorre no CAPS Cais Mental Centro, e tem por objetivo levantar interrogações sobre o trabalho em oficinas terapêuticas. Propõe-se a pensar as intervenções possíveis em uma oficina de expressão musical, através da análise de cenas extraídas do trabalho e uma articulação com a teoria psicanalítica.

A Oficina

A Oficina de Cantoria acontece toda sexta-feira, e conta com a participação de cerca de oito a doze usuários do serviço, alguns mais assíduos, outros mas esporádicos, e é coordenada por trêsicineiros. A maneira com que cada um escolhe participar fica a seu próprio critério, não sendo necessário possuir talento específico para a música ou conhecimento musical apurado: basta o desejo de participar de uma produção coletiva, através do canto, de algum instrumento, alguma sugestão, ou mesmo ouvindo. Por vezes, decorrem dessa liberdade alguns tensionamentos, e são as questões que surgem a partir destes que procuramos trabalhar nesta pesquisa: como aliar a expressão livre individual com a organização necessária para que se empreenda uma construção em grupo?

Interrogações

Como articular a participação livre do sujeito, com uma produção musical que requer uma cooperação coletiva? Numa oficina dita terapêutica, como a de Cantoria, colocar-se esta pergunta é fundamental para osicineiros. A música diz algo próprio da subjetividade de cada um, e a articulação de subjetividades é uma tarefa de difícil empreendimento, porém necessário. Esta dificuldade é bem ilustrada na cena em que dois participantes da oficina, Lúcio e Amélia, desentendem-se, quando Lúcio toca incessantemente seu instrumento, mesmo nos momentos entre músicas, e Amélia o repreende frente ao grupo. Ofendido, ele deixa a sala, e não retorna à oficina por várias semanas.

Em se tratando de uma oficina com sujeitos em grave sofrimento psíquico, é importante que existam espaços para expressões individuais. Mas como intervir quando essa expressão compromete a possibilidade de se estar em grupo, sem que essa intervenção se dê no sentido de uma “normalização” da oficina?

Esta pesquisa não almeja apresentar respostas definitivas, mas levantar perguntas que ajudem a conduzir o trabalho, não somente na oficina de música, mas também em outros dispositivos clínico-institucionais.

Bibliografia

SCHWARZ, C. A Voz e o Abismo: considerações sobre o silêncio e a pulsão invocante. Porto Alegre, 2012, dissertação de mestrado, PPGPSI.

COSTA, A. O. Sujeito <> Sociedade: Um estudo sobre os processos de inscrição do sujeito na cultura. Porto Alegre, 2012, projeto de tese de doutorado, PPGPSI.

PERRIER, F. A Formação do Psicanalista. São Paulo: Escuta, 1993.